



**(RE)CONSTRUINDO UM PROTAGONISMO:
A trajetória da arquiteta Nícia Bormann no modernismo do Ceará**

**(RE) CONSTRUYENDO UN PROTAGONISMO:
La trayectoria de la arquitecta Nícia Bormann en el modernismo de
Ceará**

**(RE) BUILDING A LEADING ROLE:
The trajectory of the architect Nícia Bormann in the modernism of
Ceará**

Érica Maria de Barros Martins; Beatriz Helena Nogueira Diógenes

1. Mestranda do Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo + Design - UFC
Rua Juazeiro do Norte, 100/202 a, CEP 60.165-110, Meireles - Fortaleza – Ceará
ericamartins@gmail.com
2. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP (2012) Professora PPGAU + D - UFC
Rua Frei Mansueto 483/301, CEP 60.175-070, Meireles - Fortaleza – Ceará
bhdiogenes@yahoo.com.br



RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a invisibilidade das mulheres na arquitetura, enfocando de modo particular a arquiteta Nícia Paes Bormann, com o intuito de ressaltar o valor e a importância desta protagonista na história do modernismo cearense. Nícia Bormann teve uma atuação relevante como docente, arquiteta e urbanista, paisagista e artista plástica, ainda que as questões de gênero tenham, supostamente, ofuscado seu nome diante das atividades que desenvolveu. Neste contexto, o estudo tem como objetivo analisar as diferentes fases da sua trajetória profissional, que se divide em quatro períodos, desde o início da sua formação profissional até o momento atual. Na pesquisa, pretende-se evidenciar suas influências, referências e dificuldades em um contexto de hegemonia masculina, buscando, dessa forma, rever o papel feminino no âmbito da arquitetura moderna do Ceará. A relevância do artigo se afirma na necessidade da compreensão de uma visão distinta para a historiografia da arquitetura cearense. A metodologia será pautada, inicialmente, na revisão bibliográfica sobre o tema, assim como no levantamento de dados alcançados por meio de entrevistas e de pesquisas documentais.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna, Trajetória, Nícia Paes Bormann, Gênero, Feminismo.

RESUMEN

This article is a part of a more detailed series on the invisibility of women in architecture, in particular the architect Nícia Paes Bormann, with the intention of highlighting the bravery and significance of this protagonist in the history of modernism in Ceará. Nícia Bormann had a relevant participation as a teacher, architect and town planner, landscape artist and plastic artist, and was also responsible for gender issues, having previously worked as a leader in her activities. This context, the study is to the different stages of his professional trajectory, that has divided in four periods, from the early activities in the early current. In the search, it is intended to evidence its influences, to refer and to change in a context of masculine hegemony, seeking, in this way, to review the feminine role in the space of the modern architecture of Ceará. The relevance of the work is the understanding of the understanding of a broad vision for the history of Ceará architecture. The methodology will be applied, initially, in the bibliographic review on the subject, as well as in the collection of data obtained by means of research and documentary research.

Palabras clave: Modern Architecture, Trajectory, Nance Paes Bormann, Genre, Feminism

ABSTRACT

This article is a part of a more detailed series on the invisibility of women in architecture, in particular the architect Nícia Paes Bormann, with the intention of highlighting the bravery and significance of this protagonist in the history of modernism in Ceará. Nícia Bormann had a relevant participation as a teacher, architect and town planner, landscape artist and plastic artist, and was also responsible for gender issues, having previously worked as a leader in her activities. This context, the study is to the different stages of his professional trajectory, that has divided in four periods, from the early activities in the early current. In the search, it is intended to evidence its influences, to refer to and change in the context of masculine hegemony, seeking, in this way, to review the feminine role in the space of the modern architecture of Ceará. The relevance of the work is the understanding of the broad understanding of the history of Ceará architecture. The methodology will be applied, initially, in the bibliographic review on the subject, as well as in the collection of data obtained by means of research and documentary research.

Keywords: Modern Architecture, Trajectory, Nance Paes Bormann, Genre, Feminism.



Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a questão da invisibilidade das mulheres na arquitetura, enfocando de modo particular a arquiteta Nícia Paes Bormann, com o intuito de ressaltar o valor e a significância desta protagonista na história do modernismo cearense.

A historiografia da arquitetura ocidental é uma narrativa do passado escrita e revisada por pessoas que, em sua maioria, baseiam-se nas trajetórias de gênios e mestres, geralmente do sexo masculino.¹ Com isso, a documentação que se tem sobre a evolução da arquitetura foi registrada observando-se o trabalho de figuras superlativas, responsáveis pelo caminho traçado na profissão. No entanto, neste cenário, existem figuras alijadas da historiografia por uma inserção periférica, entre elas: mulheres, negros, índios, operários, prisioneiros, etc. Como relata Maria Stella Martins Bresciani em carta para Michelle Perrot (1988), “eles são as “bases”, a massa de obscuros desde sempre excluídos da história”. Personagens que possuem papel fundamental para a construção de uma documentação mais completa acerca da produção arquitetônica e que, por diversas razões, passam praticamente despercebidas.

Riserio (2017) aprofunda-se e emociona ao escrever sobre o “sexo” das palavras e a diferença que a mudança de uma vogal pode fazer. Cita que, apesar de ‘casa’ e ‘cidade’ pertencerem ao gênero feminino, pouco se viu e ouviu as intenções das mulheres capacitadas em desenvolvê-las.

À mulher, cabia habitar. Construir, não. [...]. O seu direito de povoar se resumia ao lá dentro, ao espaço interior, onde, às vezes, poderiam ter permissão para desatar alguma fantasia decorativa. Mulheres não definiam alicerces. Não estabeleciam paredes. Nem desenhavam fachadas. Limitavam-se a habitar o ambiente previamente delimitado, riscado e construído. A aceitar desenhos e prédios masculinos. (RISERIO, 2017)

¹ Segundo Waismann (2013), é importante destacar uma série de considerações historiográficas para uma compreensão adequada da história da arquitetura latino-americana, tais como: a formação do objeto histórico, a ideologia do historiador, a multiplicidade de perspectivas possíveis para observar a história.



No Ceará, da mesma forma, observa-se que a história da arquitetura é baseada predominantemente em figuras masculinas. Embora em menor proporção, constata-se a participação de mulheres arquitetas que também conceberam obras de qualidade, como é o caso da arquiteta Nícia Paes Bormann que, apesar de ser figura pioneira na história da arquitetura local, raros são os registros documentais que se referenciam a ela. Como relata Montaner (2014, p. 198-199) “As mulheres estiveram presentes de uma forma ativa em todos os momentos decisivos da história ocidental, mas foram ocultas”. Diante desse contexto, Nícia Bormann foi uma das poucas profissionais atuantes à época da introdução do modernismo cearense e compôs, como protagonista, um momento de grande importância na história da arquitetura local, tendo uma atuação relevante como docente, arquiteta e urbanista, paisagista e artista plástica, ainda que as questões de gênero tenham, supostamente, ofuscado seu nome no âmbito da produção arquitetônica local.

O sobrenome Bormann obteve destaque no meio arquitetônico. Seja por influência do arquiteto Gerhard Bormann, seu marido, ou pela própria Nícia. O problema percebido era a dificuldade de diferenciar qual dos dois era o autor da obra. Devido à breve carreira do arquiteto e ao reduzido número de projetos executados, diversos curiosos e estudiosos confundiam a autoria dos projetos.

Dessa forma, o estudo tem como objetivo analisar as diferentes fases da trajetória profissional de Nícia Paes Bormann, que se divide em quatro períodos, desde o início da sua formação profissional até o momento atual. Essa temporalidade é criada de forma sistemática a fim de facilitar a abordagem dos temas e reforçar a relevância de alguns momentos que se sucedem na vida da personagem .

Na pesquisa, pretende-se evidenciar suas influências, referências e dificuldades em um contexto de hegemonia masculina, buscando, dessa forma, rever o papel feminino no âmbito da arquitetura moderna do Ceará. A relevância desse artigo se sustenta na necessidade de compreensão de uma visão distinta para a historiografia da arquitetura cearense, a partir de uma interpretação sob a perspectiva da nova história, ressaltando o valor e a significância desta protagonista na história do modernismo cearense. Como ressalta PAIVA (2008, p.02), quando explica sobre o contexto dessa abordagem:



Esta reformulação que conduziu a processos de revisão historiográfica pode ser compreendida pelo que ocorreu na matriz da História como disciplina, uma vez que houve o deslocamento dos temas heróicos e oficiais e de recortes cronológicos estritos em direção a questões que valorizam o universo do cotidiano, além de uma maior ênfase na flexibilidade e permeabilidade entre tempos históricos. [...] cuja importância foi capital para promover a pluridisciplinariedade e a consequente união das ciências sociais. Diferentemente da história dita “tradicional” que priorizava a narração de grandes fatos, como as questões oficiais e políticas; a “Nova” se baseia em fontes diversas, entre elas, a história oral. Ao passo que a “tradicional” se interessava pelos documentos oficiais, a Nova História tem uma dimensão sociológica mais ampla, revelada através do desenvolvimento da história social, a “tradicional” se importava sobremaneira com o indivíduo histórico.

Ou seja, a partir dessa percepção, é possível destacar a importância de estudar esses personagens que sempre existiram mas, muitas vezes passam despercebidos, sem receber a devida importância e reconhecimento, sob novas perspectivas. Pretende-se, assim, situar historicamente o lugar da mulher na arquitetura, evidenciando suas influências, referências e dificuldades em um contexto de hegemonia masculina. A escassez de documentação e debate teórico no que diz respeito às arquitetas mulheres gera uma carência de referências femininas, além de conceber uma imagem “apagada” acerca de seus trabalhos, contribuindo com a perpetuação da disparidade entre os sexos, no que se refere à igualdade de direitos.

A metodologia será pautada no levantamento de dados obtidos por meio de entrevistas, no que se refere à figura de Nícia Paes Bormann, considerando que esse método se baseia não somente em lembranças de um certo indivíduo, mas na percepção e compreensão dos fatos de um sujeito inserido em um contexto familiar ou social. Para Maurice Halbwachs (2004), toda memória é coletiva e, como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Após realizadas as entrevistas, as informações obtidas serão permeadas com dados de pesquisas a documentos fornecidos pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, a fim de se alcançar um registro mais completo e consistente.



1ª Fase – Formação e docência

Carioca, de descendência cearense e filha de pai militar, Nícia diplomou-se em 1964 na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (atual UFRJ), no Rio de Janeiro. Ela relata que nessa época, as turmas eram numerosas, cerca de 120 alunos, e preenchidas predominantemente por homens. A quantidade de mulheres não ultrapassava 10% deste número, contudo, ela não percebia desigualdade de tratamento, sentindo-se muito respeitada e valorizada nos trabalhos que desenvolvia.

Ao ser questionada sobre a característica da sua obra, a arquiteta afirma não se considerar modernista, apesar de seus projetos apresentarem nítidas influências modernas. Discorre que a lição mais importante que lhe foi passada é a que o que mais importa ao desenvolver um projeto é perceber o meio em que se vive, e complementa: “essa forma de ver arquitetura sem ‘ismos’² foi a maior contribuição que a gente trouxe da nossa faculdade”.

Também destaca que tem como referência arquitetônica brasileira o arquiteto Affonso Eduardo Reidy e os irmãos Roberto, em cujo escritório teve a oportunidade de estagiar e de se aproximar do seu trabalho e, no paisagismo, tem Burle Marx como um grande mentor, experiência que obteve estagiando com ele por um ano (1961 a 1962), período de fundamental importância para a compreensão de como lidar com a relação com o ambiente externo, aspecto que ela considera muito importante no âmbito do paisagismo e relata: “Foi necessário aprender a trabalhar com escalas mais abertas e com uma série de conceitos que são próprios da matéria”. No que se refere à arquitetura internacional, destaca que, para ela, à época, existiam “dois papas” e que se identificava mais com o pensamento do norte americano Frank Lloyd Wright, provavelmente pelo seu desenho mais orgânico, do que com Le Corbusier.

No ano de 1965, O casal Bormann chega a Fortaleza, período em que estavam sendo desenvolvidas as primeiras obras de arquitetura moderna e logo iniciam suas atividades profissionais no Departamento de Obras e Projetos da Universidade Federal do Ceará - UFC. Após um ano de convivência profissional com o diretor da Escola de Arquitetura,

² “Arquitetura sem ismos” – expressão que significa fazer uma arquitetura sem se prender à um movimento arquitetônico específico.



Prof. Hélio Duarte, os dois são convidados a integrar o corpo docente da instituição, no segundo ano de funcionamento da então Escola de Arquitetura e Artes (1966). Gerhard Bormann é destinado à disciplina de Plástica e Nícia fica encarregada da cadeira de Comunicação Visual. Dessa forma, compõem o quadro de professores do recém inaugurado Curso de Arquitetura. Assim, integram a segunda geração de arquitetos cearenses, composta por arquitetos formados principalmente no Rio de Janeiro, Brasília e Recife, que retornaram à cidade, a partir do início da década de 1960. Paiva e Diógenes (2011, p.01) destacam a relevância dos profissionais desse período para a arquitetura cearense:

[...] é importante destacar o significativo papel que cumpriram na difusão do modernismo, ao introduzirem uma cultura arquitetônica de caráter mais erudito em diversos centros regionais. Neste sentido, a trajetória de diversos arquitetos e o legado das suas obras constituem, ao mesmo tempo, fonte e objeto de documentação do desenvolvimento da diversidade da arquitetura moderna brasileira.

Segawa (2002, p. 131) assinala a importância dessa variedade de formação para a difusão da arquitetura moderna no país.

É possível aventar a hipótese de que houve dois fatores (entre tantos outros) mais significativos na disseminação dos valores da arquitetura moderna através do país. A criação de escolas de arquitetura em várias regiões do Brasil teria sido um deles; o deslocamento de profissionais de uma região para a outra também foi decisivo para a afirmação de uma linguagem comum pelo território brasileiro. Esses dois aspectos se confundem no tempo e no espaço.

Nessa época, os dois arquitetos – Nícia e Gherd - lecionavam na faculdade, mas também desenvolviam projetos em paralelo. E, apesar do bom relacionamento com o marido e dos longos debates arquitetônicos, Nícia menciona que o casal possuía significativas diferenças no processo de projeto, dificultando muitas vezes o desenvolvimento de trabalhos em conjunto. Ela explica que sempre foi muito intuitiva, que observava atentamente as condicionantes físicas e sociais do lugar e percebia “as peças se encaixando”. Enquanto, seu marido, Gerhard era sistemático e metuculoso em toda linha projetual, insistindo sempre que todos os passos fossem seguidos rigorosamente.

O casal, apesar de apresentar formas de trabalhar bastante diferentes um do outro, de-



monstram resultados referentes às preocupações projetuais climáticas necessárias muito semelhantes, assim como os demais arquitetos cearenses. Sylvia Fisher e Marlene Acayaba, em viagem pelo Brasil, percebem essas intersecções e escrevem observações em livro denominado “Arquitetura moderna brasileira” e discorrem sobre as características de obras nordestinas, que passam a ter uma identidade própria.

“Os arquitetos de Fortaleza têm realizado projetos que se ajustam às condições locais sem maiores compromissos com uma teoria específica, o que tem resultado numa arquitetura eclética, onde componentes de linguagens diferentes que se mesclam em um mesmo projeto. É no ajuste das construções ao clima que mostram suas habilidade. Espaços semi-abrigados, em geral pergolados, que se integram ao interior sem fechá-lo completamente são frequentemente empregados, combinando com o estilo de vida e organização familiar desta sociedade tradicional e de intensa vida comunitária. (FISHER; ACAYABA, 1982, p. 105).

Nícia, após ter estudado casas vernaculares, se inspirou em muitas soluções relacionadas à cultura local, incorporando as varandas grandes em seus projetos. Como é o caso da Residência de Fazenda José Nogueira Paes (Fig. 01), em Iracema, que contava com alpendres com funções diferentes: um na fachada principal, para receber os amigos e proporcionar momentos de interação e outro na fachada posterior, sendo mais reservado para leitura e situações mais introspectivas.



Fig. 01 - Residência de fazenda José Nogueira Paes.
Fonte: Acervo da Arquiteta Nícia Paes Bormann

Essa solução de projeto era muito utilizada na arquitetura local, como destacam as auto-

ras supracitadas:

Estas varandas ou pátios são tratadas distintamente conforme o arquiteto – enquanto Nícia e Gerhard Bormann preferem técnicas tradicionais, tais como alvenaria de tijolos estruturais de madeira, Fausto Nilo emprega as estruturas de concreto aparente, já Nelson Serra e José Alberto de Almeida buscam contraste entre o concreto aparente e os revestimentos artificiais de cores fortes. Mas todos recorrem aos pátios que se ligam ao interior sem solução de continuidade, evitando mesmo o vidro, para não impedir a aeração permanente. (FISHER; ACAYABA, 1982, p. 105).

O casal desenvolveu alguns projetos em conjunto, sendo um deles a própria residência, em 1971 (fig. 02). Um projeto bastante simbólico, que foi pensado com para que a habitação se distribuisse em torno de uma árvore existente no terreno, ou seja, a casa foi construída em volta de uma mangueira. “Compramos a mangueira, e não o terreno”, relata Nícia Bormann. Outra característica foi uma preocupação econômica fundamental. A arquiteta afirma que, como eles não tinham capital para o desenvolvimento imediato de uma residência inteira, optaram por desenvolver, inicialmente, uma casca externa, caracterizada por uma estrutura de concreto e, posteriormente, as divisões internas foram sendo executadas, ao longo do tempo. Segundo a arquiteta, essa estrutura foi a “cara” da casa.

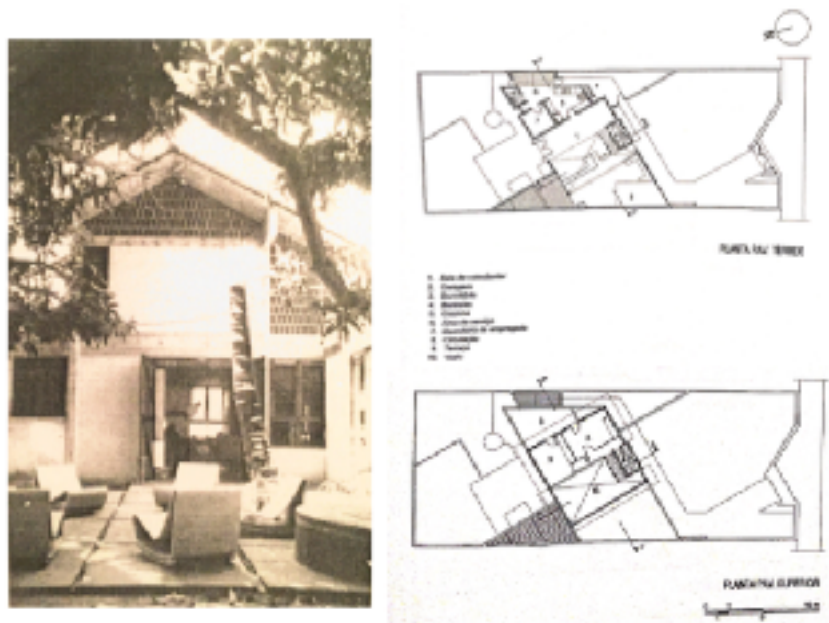


Fig. 02 - Casa dos Arquitetos, 1971
Fonte: Paulo Costa, 2012



Outro aspecto que também os diferenciou foi a dimensão das obras projetadas. Gerhard costumemente era convidado a delinear projetos de maior dimensão e relevância. Ao passo que sua esposa ficava encarregada, na grande maioria das vezes, de edificações de menor proporção e prestígio, como edículas e outros de menor porte. Por uma questão de logística e recursos, a grande maioria dos trabalhos desenvolvidos pela arquiteta chegaram a ser executadas, enquanto muitos daqueles de Bormann ficaram relegados ao papel.

Gerhard Bormann, em determinada ocasião participou da equipe de arquitetos responsável pelo projeto do estádio Governador Plácido Castelo – “Castelão”, 1969-1973, de grande porte e repercussão, da qual faziam parte os arquitetos Liberal de Castro, Reginaldo Mendes, Marcílio Luna e Ivan Britto, todos docentes da Escola de Arquitetura, A figura (Fig. 03) abaixo ilustra a expectativa que a obra gerou na cidade.



Fig. 03 - Reportagem que ressalta a qualidade e o tamanho da obra do estádio Governador Plácido Castelo.

Fonte: Sampaio Neto, 2012

Nesse contexto, vale ressaltar que foi cogitada a participação de Nícia Bormann, contudo, foi alegado que dois membros da mesma família não poderiam compor a equipe, fato que fez com que a arquiteta se ausentasse do desenvolvimento do projeto.

Para a arquiteta, foram sempre direcionados projetos de menor porte, como residências de familiares e edículas. Um projeto de porte médio foi o Pavilhão Reitor Martins Filho (fig. 04), que lhe foi atribuído ainda no início da sua carreira, em 1967 e construído em 1969. A edificação integra o conjunto de edificações modernas do Ceará, compõe o acervo das edificações da Universidade do Ceará e foi um dos primeiros edifícios a serem construídos no Campus do Benfica. Destaca-se por suas qualidades arquitetônicas e apresenta características que demonstram claramente influências projetuais do modernismo brasileira, que estavam sendo adotadas na capital cearense na década de 1960.



Fig. 05 - Foto Antiga do Pavilhão Martins Filho
Fonte: Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC)

Lima, (2013, p.65) ao escrever sobre as arquitetas mulheres na América Latina, destaca que projetos residenciais são, naturalmente, direcionados às mulheres e destaca algumas razões:

Vários aspectos podem ser apontados para isso: a associação histórica da casa ao feminino; os investimentos financeiros mais modestos - se comparados com programas institucionais e comerciais mais ambiciosos; e o prestígio relativamente menor, em relação a temas arquitetônicos mais icônicos como teatros, museus, bibliotecas, etc...

Em 1967, Bormann e Nícia seguem para a Universidade de Stuttgart para fazer um curso com o professor da Bauhaus Maximilian Debus³, onde permaneceram por um ano. A arquiteta relata que lá tomou conhecimento de um estudo de cores bastante particular

³ Maximilian Debus, alemão, nascido em 1904 e falecido em 1981. Foi arquiteto, artista plástico, pintor e designer, tendo ensinado em diversas universidades da Alemanha. (Weimar).



e aprofundado, processo aplicado durante anos em sua disciplina e que foi abolido logo após a sua saída. Ao voltarem do intercâmbio, o casal se dedica especialmente à carreira acadêmica e ao desenvolvimento de projetos particulares. Nícia trata de ensinar sobre as questões de representação gráfica, cores e estudo da forma. Logo em seguida, a jovem professora se tornou responsável por implantar a disciplina de Paisagismo no Curso de Arquitetura. Ressente-se da falta de oportunidades em lecionar disciplinas de projeto arquitetônico, área em que tinha experiência por ser atuante no mercado, além de possuir uma respeitável bagagem advinda das suas experiências anteriores.

2ª Fase – O paisagismo como uma nova seara na sua atuação profissional

Como foi mencionado anteriormente, ao voltarem da Alemanha, em 1968, Nícia se implantou a disciplina de Paisagismo no Curso de arquitetura. Essa oportunidade surge talvez por ser uma área de pouco interesse aos demais docentes da academia. Segundo a arquiteta, o fato foi um marco na sua carreira profissional e, a partir desse momento, o estudo da paisagem pautou um novo momento em sua vida e abriu novos caminhos e direcionamentos.

A necessidade de criar a nova disciplina surge a partir do momento em que o MEC⁴ inicia uma pesquisa para buscar informações sobre a qualidade e a quantidade de cursos de arquitetura no Brasil. Logo após o levantamento, é feito um trabalho acerca dos currículos. Nícia discorre sobre a falta de interesse no desenvolvimento da atividade na cidade de Fortaleza, tendo sido a criação da disciplina de Paisagismo um anseio pessoal, apoiado pelo Prof. Neudson Braga, diretor da Escola na época, em consonância com a orientação da CEAU. Ou seja, a arquiteta constata, em uma percepção pioneira, a relevância da relação entre o ensino paisagístico e a qualidade do desenvolvimento urbanístico da cidade. Assim, Nícia, com uma rica formação no que se refere a experiências e referências, tem a oportunidade de propor uma cadeira que iria ter grande impacto na forma de pensar a cidade.

⁴ Ministério da Educação.



Desse modo, em 1977, Nícia Bormann passa a preparar a disciplina de Paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFC. Para isso, a arquiteta fez antes uma pesquisa sobre cursos de arquitetura paisagística que já existiam na Europa e nos Estados Unidos. Em seguida, percebeu a necessidade de se envolver em uma série de matérias para compreender melhor a complexidade do estudo da paisagem. Precisou também buscar uma formação paralela e frequentou disciplinas complementares nos cursos de Geografia, Botânica, Biologia, Ecologia, Geomorfologia. Além disso, fez outros três ou quatro cursos de curta duração oferecidos pela ABAP (Associação Brasileira dos Arquitetos Paisagistas) e, em seguida, foi para São Paulo, onde fez especialização em Arquitetura Paisagística. Ela destaca a relação multidisciplinar e a relevância desse momento em seu aprendizado relativo ao projeto, no que se refere à percepção do terreno, da topografia, e do que se deve evitar em arranjos de plantas. Isto, somado à experiência no trato das questões compositivas de desenho, cor e textura, vinculadas ao início de seu percurso como docente. Relata que, anos depois, ao trocar informações com a renomada paisagista Rosa Kliass⁵, constatou que ela, coincidentemente, fez o mesmo caminho para complementar sua formação como paisagista.

Em 1978, a disciplina é então implementada no curso de Arquitetura e torna-se optativa dentro do novo currículo ofertado. Para as primeiras aulas, foram convidados professores de outras áreas, principalmente da geomorfologia porque, conforme a arquiteta “ela une todos os processos da natureza para explicar a formação da terra, a formação do habitat. Então, você considera a vegetação, o solo, os processos erosivos. Ou seja, é justamente uma disciplina que junta essas coisas todas. É muito importante para quem trabalha com a paisagem”. A experiência que Nícia teve no escritório de Burle Marx foi fundamental pois foi onde aprendeu a trabalhar com escalas mais abertas e com uma série de conceitos que são próprios da matéria.

A arquiteta dividia então a sua rotina diária entre o Curso de Arquitetura, no qual disponibilizava 24 horas semanais para lecionar a disciplina e um outro período no qual se dedicava à outras atividades. Dessa forma, durante esse período, a arquiteta desenvol-

⁵ Rosa Grena Kliass é pioneira no ramo do paisagismo no Brasil. Paulista, formada Pela FAU-USP em 1955, foi presidente da Abap, e autora de várias publicações no Brasil e no Exterior.



veu vários projetos arquitetônicos, entre eles a casa de fazenda e a casa de praia dos pais. Projetos de grande porte não eram recorrentes. As duas únicas oportunidades paisagísticas que ela teve à época foram o Bosque das Flores e a Praça da Imprensa⁶ (década de 1970), respectivamente. Infelizmente, não há mais nenhuma documentação referente às praças. Nícia destaca que, para o Bosque das Flores, por se tratar de uma área extensa, se pautou em uma modulação com base em coordenadas para colocar as árvores. Tomou como base a forma de trabalho “do Roberto” (Burlle Marx), conforme afirmou e deu bastante ênfase às plantas nativas.

Por estar envolvida com as questões paisagísticas, em 1975 a arquiteta é convidada pelo professor e arquiteto Rocha Furtado para assumir um cargo de chefia na prefeitura, na CODEF⁷, onde permaneceu por aproximadamente dois anos.

Assim, depois de seis meses lecionando a disciplina e trabalhando na prefeitura, inicia a especialização em Paisagismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1977. No mesmo ano, Gerhard Bormann sofre um acidente grave automobilístico o levando ao coma e, posteriormente, a óbito, vindo a falecer, em 1980. Como explica Sampaio Neto (2015, p. 146).

Em seu retorno de viagem ao Rio de Janeiro, no final dos anos de 1970, Bormann foi vítima de um acidente, nas proximidades da cidade de Itabuna, Estado da Bahia, que o deixou em coma durante um longo período, vindo a falecer no dia 12 de setembro de 1980.

Assim, aos 36 anos de idade, Nícia Bormann ficou viúva e com 2 filhas, de 5 e 7 anos de idade. Esse episódio gerou uma desordem em sua vida particular e, conseqüentemente, também no âmbito profissional. Entretanto, ela ressalta que continuou trabalhando, mas que deixou o cargo na prefeitura para poder se dedicar mais às atividades domésticas.

Após a morte de Bormann, em 1982, Nícia casa-se novamente com Francisco de Paula Rodrigues, funcionário da IBM, que trabalhava em Brasília. Ela vê essa oportunidade de

⁶ Praças na cidade de Fortaleza, no bairro da Aldeota.

⁷ Coordenação de Desenvolvimento de Fortaleza – plano de desenvolvimento que tinha como objetivo de se aproximar do plano de Curitiba.



mudança como um recomeço de vida e, com o casamento, transfere-se para a capital Federal, onde iria enfrentar novos desafios pessoais e profissionais.

Com o afastamento, a arquiteta deixa a disciplina criada por ela e na época, não havia um docente que desse prosseguimento⁸ ao trabalho que foi iniciado. O professor Ricardo Bezerra posteriormente assumiu a disciplina, e, atualmente, após sua aposentadoria, será substituído pelo recém contratado professor Newton Becker. Atualmente, a cadeira já não se apresenta como foi constituída. Passou por diversas alterações e constata-se que, no âmbito da grade curricular do curso de arquitetura e urbanismo da UFC, não há uma grande representatividade nessa área de ensino. Entretanto, o Paisagismo ainda é ofertado no início do curso, como explica, Rocha (2015, p. 22).

[Sobre] ... a disciplina de paisagismo que organizou e implantou na UFC, defendeu sua colocação logo no início do curso, como introdução à paisagem, para que a formação do arquiteto, independentemente de sua atuação em paisagismo, superasse a visão do edifício isolado da paisagem.

A importância da disciplina para a formação do arquiteto é fundamental para o desenvolvimento de futuros profissionais que entendam a relevância de enxergar a arquitetura além da edificação. As conversas com a arquiteta deixam bem claro a relação entre os elementos que merecem ser melhor vinculados dentro da formação do arquiteto: edificação x paisagem x cidade, ou seja, Nícia, por ter permeado essas áreas na sua trajetória, consegue explicitar, de uma forma inspiradora, a relevância de se considerar esse conjunto. É possível perceber essa importância a partir de outros autores:

Desse modo, é proporcionada ao paisagismo a condição de um dos campos disciplinares da formação profissional do arquiteto e urbanista, em equilíbrio com a arquitetura e com o urbanismo, intrinsecamente interrelacionados e interdependentes, conforme representa o diagrama a seguir (Fig. 06), segundo o qual, da convergência desses três campos disciplinares, emergem formas de atuação profissional e ou temas de estudo, cuja abrangência é constante e dialeticamente permeada pelas vivências e contextos e sobre os quais aportam a teoria e a história, o projeto e o planejamento urbano e regional, entre outros. (ROCHA; ALDIGUERI e AGDA, apud ROCHA, 2015 p. 27).

⁸ Conforme depoimento do prof. Neudson Braga, 2017.



Fig. 06 – Diagrama representativo da formação do arquiteto
Fonte: Fernanda Rocha, 2014

3ª Fase – Mudança para a capital federal

Em janeiro de 1981, Nícia pede uma licença sem remuneração na Faculdade de Arquitetura – UFC e segue para Brasília. A arquiteta assume essa oportunidade para iniciar uma nova fase na sua vida, pessoal e profissional.

Ao chegar à capital Federal, entrega seu currículo na Universidade de Brasília e, depois de algum tempo foi chamada para cursar uma especialização em Arquitetura de Sistemas de Saúde em 1982. Em seguida, é convidada para atuar como monitora do mesmo curso, o que ocorre no ano seguinte. Após essa experiência, em 1983 ela é contratada para trabalhar como docente na Universidade, onde permanece durante cerca de 10 anos. Ao contrário do que ocorre em Fortaleza, as disciplinas de projeto foram logo oferecidas para a arquiteta ministrar. E era também responsável pelas disciplinas de paisagismo e planejamento urbano.

Por estar à disposição exclusivamente da Universidade, os projetos por ela desenvolvidos são apenas ligados à UnB. Um deles é o do Centro de Vivência da UnB (fig. 07), que realiza em colaboração com o arquiteto Eurico Salviati, no ano de 1984-1985. A seleção do projeto caracterizava-se como uma competição projetual entre os acadêmicos e seria escolhido pela comunidade. “Os Verdes”, (apelido carinhoso adotado por estarem envolvidos com paisagismo) venceram o concurso no ano de 1985 e o projeto foi executado, apenas em parte em 1993.



Fig. 07 - Centro de Vivência da UnB
Fonte: Acervo Arquiteta Nícia Bormann, 2018

Em 1986-87 Nícia assume a chefia do Departamento de Arquitetura da UnB. Durante sua gestão, propôs uma mudança curricular na qual foram implementadas disciplinas de desenho introdutórios e ela assume a de Desenho Básico, mais voltada para as questões da forma, como nos primeiros anos de prática docente.

No ano seguinte, em 1986, enquanto cursava o Mestrado em Planejamento Urbano na UnB, o seu segundo marido é submetido à uma cirurgia corriqueira, mas tem problemas durante o processo e vem a falecer. Nícia, fica viúva repentinamente pela segunda vez. Com isso, tinha duas alternativas: Ficar e finalizar o mestrado ou voltar para a capital Cearense e recomeçar sua vida profissional novamente. Assim, ela opta pela primeira opção e permanece na cidade para dar prosseguimento ao seu curso.

Em 1991 sua aposentadoria foi concretizada. Entretanto, ela conta que se viu um pouco perdida logo após o episódio. Frequentava diariamente a faculdade, até que um certo dia que perguntaram o que ela continuava fazendo por lá. A partir de então, começa a buscar outras atividades. Assim, passou a se dedicar mais às artes plásticas, produzindo, participando de encontros, e em especial frequentando diariamente o Instituto de Artes, no Núcleo de Gravura da UnB, embora deixe claro sempre ter dedicado um certo tempo às artes, em paralelo às suas realizações profissionais. Ainda na capital federal, a arquiteta chegou a expor trabalhos e conheceu, por meio de um atelier, a gravura em metal.



Ela comenta que em 1991 “certo dia, pouco depois que me aposentei, uma pessoa conhecida me perguntou se eu não teria uma aluna interessada em estagiar no viveiro dela. Como não estava fazendo nada, respondi: Você me quer? (risos). Foi a minha segunda escola de paisagismo”. A arquiteta contava com uma auxiliar e o processo se caracterizava da seguinte forma: o cliente entrava em contato e solicitava o projeto (normalmente um jardim residencial), elas visitavam o espaço e, como ainda não dominava as técnicas do programa autocad, os projetos eram realizados no paintbrush⁹. Nícia ressalta que teve então a oportunidade de colocar em prática tudo o que aprendeu na teoria. “Mas isso, somado à questão da arte foi um subsídio para o meu trabalho como paisagista, que tem muito a ver com arte: você mexe com cores, texturas, vê composições”, explica. Como reforça em entrevista concedida à Rocha, em 2013.

A arquiteta lembra também a importância da vivência adquirida em um viveiro de plantas onde trabalhou, possibilitando o conhecimento na organização das plantas e na prática do plantio. (ROCHA, 2013, p. 22)

Aos poucos, foi sendo convidada para trabalhar com alguns colegas. Elaborou projetos urbanísticos com o arquiteto Paulo Zimbres, também professor da faculdade e com a arquiteta Sueli Franco, trabalho mais direcionado ao planejamento da paisagem e expansão urbana, no qual pode aplicar alguns dos princípios que desenvolveu em da sua dissertação de mestrado¹⁰. Logo se deu conta que deveria abrir o seu próprio escritório e então, logo em seguida, tentou corrigir isso, retomando a atividade projetual.

4ª Fase – De volta à capital cearense

Ao tomar a decisão de montar o seu atelier de projetos, Nícia comenta que mais uma vez a sua vida é interrompida por questões familiares. Dessa vez, eram seus pais que

⁹ Software utilizado para a criação de desenhos simples e também para a edição de imagens. O programa é incluso, como um acessório, no sistema operacional Windows, da Microsoft, e em suas primeiras versões era conhecido como Paintbrush.

¹⁰ Metodologia baseada nas idéias de Ian L. McHarg do livro *Design with nature*, 1969.



necessitavam da sua ajuda. Assim, em 1997, retorna ao Ceará e logo percebe a falta de profissionais especializados na área paisagística e a desleal concorrência entre escritórios de arquitetura. E assim, resolve abrir um escritório de paisagismo em Fortaleza, que recebe o nome de Oicos. A personagem em questão foi, portanto, precursora no âmbito do paisagismo no Ceará e pôde acompanhar de perto o processo de formação e desenvolvimento do paisagismo moderno no Brasil, captando assim a relação indissociável da disciplina com as manifestações do modernismo arquitetônico.

Desenvolveu parcerias com arquitetos nas quais eles concebiam os projetos arquitetônicos residenciais, de condomínios e casas e os encaminham para Nícia desenhar seus jardins. Paulatinamente, os serviços foram tornando-se mais complexos. Desenvolveu diversos trabalhos para a prefeitura, alguns não construídos como o Parque da Liberdade, no Poço da Draga, a praça do Granville (atual jardim japonês) e a reforma da feirinha da Beira Mar. Também colaborou em empreendimentos grandes, em parceria com os arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon, como um Hotel nas Falésias, além de outros trabalhos, dentre os quais se destacam: o Parque da Cidade em Sobral (2001) (Fig. 08); Faculdade Leão Sampaio¹¹ (Unileão) em Juazeiro do Norte (2006); Urbanização e paisagismo do Campus das Auroras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab em Redenção (2012) e os Jardins do Anexo II da Assembleia Legislativa do Ceará (2013).



¹¹ Sendo um de seus projetos favoritos por também envolver arquitetura.



Fig. 08 - Parque da Cidade em Sobral
Fonte: Acervo Nícia Paes Bormann, 2018

Nícia relata o quão cansativo e frustrante são as dificuldades que o mercado apresenta. Queixa-se, principalmente, da baixa remuneração e da pouca valorização que se dá à arquitetura paisagística, e da execução nem sempre satisfatória, além falta de manutenção.

Paralelamente a esses projetos, continua dedicando parte de seu tempo às suas expressões artísticas. Assim, consegue dedicar-se ao trabalho com gravuras, aquarela e cerâmica. Inicialmente, começa fazendo experimentos com as artistas Maria Teresa Pinto, Cecília Bichucher e Zena Roncy, que chegaram a expor em Brasília. Atualmente, existe uma outra formação, composta por 7 artistas¹² locais, denominados de Oicozadores, e os qualifica como “um grupo muito ligado pelo afeto que trabalham individualmente, mas se ajudam e aprendem uns com os outros”. Recentemente, os artistas apresentaram uma exposição em Sobral e estão se preparando para expor brevemente em Brasília e Rio de Janeiro. Nícia diz que atualmente tem se dedicado mais aos processos de cerâmica e gravura, argumenta que faz o que gosta e que estão tentando viabilizar futuras exposições.

Ela finaliza a conversa falando da relação do paisagismo com a as artes plásticas. A arquiteta carrega essa influência desde a sua formação na faculdade, que trazia resquícios de Faculdade de Belas Artes e hoje, depois de aposentada, consegue se dedicar ao desenvolvimento de aquarelas. Burle Marx também fazia essa relação direta entre as duas atividades. Durand destaca essa admiração das arquitetas pelas artes e discorre sobre a escolha da arquitetura por parte das mulheres:

[...] entre os artesões e pintores comumente de origem popular, e as moças aprendizes de desenho e pintura das famílias de elite, geralmente condenadas a um amadorismo sem vigor, surgiu uma nova categoria – os arquitetos – de condição social privilegiada e com investimentos de carreira mais pesados, visto que voltados para a direção de um processo industrial que mobiliza grandes somas de recursos: a construção civil. (DURAND, 1989, p. 73)

12 Cecília Bichucher, Inês Fiuza, Túlio Paracamos, Cláudio Quinderé, Wilson Neto, Vera Desarte e Vera Sampaio Dessarte.



A arquiteta tímida, de fala baixa e doce, mostra personalidade, firmeza e decisão em suas colocações. Não se deixa parar e expõe as dificuldades profissionais e femininas. Segue sua vida profissional ainda ativa e de uma forma bastante inspiradora.

Considerações finais: sobre a redefinição do papel feminino na arquitetura

Assim como várias outras arquitetas, Nícia enfrentou situações que seus colegas homens nunca vivenciaram, tornando ainda mais difícil a tarefa diária de se posicionar como profissional. Relata que em reuniões de apresentação de projeto, por exemplo, o cliente nunca se referia a ela, sempre se direcionando aos homens que ali estivessem presentes. É possível admitir que as mulheres também contribuíram (até involuntariamente) por essa invisibilidade. Enquanto os arquitetos não hesitam em assumir um papel ativo na preservação de seus legados, escrevendo memórias e assegurando o seu posto, as mulheres foram ensinadas que devem se manter contidas e vibrar com as vitórias dos seus parceiros. Felizmente, mudanças estão acontecendo e é perceptível discussão sobre o tema e o crescimento do reconhecimento feminino e publicações sobre mulheres arquitetas. Situação semelhante foi vivenciada por Denise Scott Brown, revelada em manifesto escrito em 1975, mas publicado apenas em 2000:

Essas experiências me confundiram, me fizeram lutar, duvidar, e gastar muita energia. [ouvi absurdos como:] “Eu ficaria satisfeita se meu trabalho fosse atribuído ao meu marido”. [...] “Por que você se preocupa com essas coisas [reconhecimento], nós sabemos que você é boa. Você conhece o seu verdadeiro papel no escritório e no ensino. Isso não é suficiente?” Duvido que isso seja suficiente para meus colegas arquitetos [homens]. (BROWN, 2000, p.239, tradução e edição nossa)

Apesar de uma série de questões feministas já terem sido conquistadas ultimamente, o assunto ainda é polêmico e bastante mal interpretado, merecendo ser desmistificado, fazendo-se necessária uma definição mais consistente do que se trata feminismo:



Seu significado básico é desconhecido por muitos. Faz-se necessária a definição de feminismo: movimento que exige para as mulheres direitos iguais aos dos homens. Como todo movimento, tem suas particularidades e derivação segundo a tendência ideológica. O feminismo não é uma luta exclusiva da mulher. Um grande mito causado pela distorção: Ser feminista não implica lutar contra o homem, implica em igualdade de oportunidades. (ROSERVO, 2015, tradução nossa)

Sendo assim, a personagem escolhida é mulher, arquiteta, esposa, mãe e tem sua trajetória profissional interrompida, em diversos momentos, por questões pessoais que muitas vezes afastaram-na do mercado de trabalho. Com relação a esse tópico, Lima (2011, p. 11) nos alerta para a “síndrome da grande-mulher”, delineada por figuras excepcionais, heroínas que acabam ganhando tanta força por seu destaque na arquitetura que coíbem por encobrir as conquistas e o talento de outras personagens com menos oportunidades. Ou seja, é importante ressaltar que Nícia não precisa ser heroína, ter obras grandiosas ou feitos geniais para ser documentada ou estudada. Entretanto, a sua relevância se evidencia pela contribuição na docência e na extensa carreira na qual atua até hoje.

A omissão feminina contempla o modelo utilizado para escrever a história da arquitetura. A forma determinada que rege sob o campo historiográfico caracteriza-se pelo culto à figura do ser iluminado, tipicamente masculino, como explica Despina Stratigakos, 2016:

O formato da monografia, que há muito tempo domina o campo, presta-se à celebração do heróico “gênio”, tipicamente uma figura masculina definida por qualidades como ousadia, independência, resistência e vigor - todas codificadas na cultura ocidental como traços masculinos. Além disso, a monografia é geralmente concebida como uma espécie de genealogia, que coloca o arquiteto em uma linhagem de "grandes homens", colocando tanto os "mestres" de quem ele desceu quanto os impressionantes seguidores que o acompanhavam. (STRATIGAKOS, 2016).

Assim, ainda é muito comum tentar colocar as mulheres na mesma posição de arquitetos “estrela” com o objetivo de elaborar um grupo seletivo de “super arquitetas”, perpetuando o erro que vem sendo cometido. Entretanto, ainda não foi compreendido que a



melhor arquitetura, muitas vezes, é criada por profissionais dissidentes, ou seja de indivíduos que pensam diferente da maioria.

Denise Scott Brown aborda a questão o Star System¹³ no meio arquitetônico e do quanto chega a ser desfavorável aos profissionais de ambos os sexos, entretanto, mas ainda mais para as mulheres:

Eu tenho levantado que o Star system, que é injusto para muitos arquitetos, é duplamente difícil para as mulheres em um ambiente sexista, e que, nos níveis mais altos da profissão, a arquiteta que trabalha com o marido ficará submersa em sua reputação. Minhas interpretações são especulativas. Nós não estudamos sociologia da arquitetura. Os arquitetos não estão acostumados com a análise social e desconfiam dela. (BROWN, 2000, tradução nossa)

É importante destacar a insistência no individualismo heróico desse sistema, o que gera uma intimidação de trabalhos colaborativos, como se o trabalho em equipe diminuísse o crédito da conquista. Esse fator contribui de forma significativa para a omissão das mulheres arquitetas, já que é recorrente o trabalho delas em parcerias (por motivos profissionais e pessoais), muitas vezes, com um homem que também é o próprio cônjuge. Assim, mesmo apresentando uma trajetória notoriamente colaborativa, uma mulher raramente é reconhecida como tal. Outro fenômeno que contribui para a omissão feminina é o popularmente conhecido “teto de vidro” – barreiras invisíveis que impedem a ascensão das mulheres para cargos de liderança – e pode ser um dos fatores que promove tal disparidade.

A historiadora Beatriz Colomina reforça a situação quando afirma que “as mulheres são os fantasmas da arquitetura moderna, sempre presentes, cruciais, mas estranhamente invisíveis” (2010, apud LANGE 2013). Considerando que no Brasil, atualmente, as mulheres já constituem maioria no mercado de trabalho, representando 61% do total de profissionais em atividade.

Com o artigo, destaca-se, assim, a importância da redefinição do protagonismo arquitetônico feminino através da busca de trajetórias de arquitetas que não se encaixam, necessariamente, nos contornos prescritos da história, exemplo de Nícia Paes Bormann.

¹³ Termo utilizado para denominar o sistema que valorize os arquitetos de renome, tornando-os uma grife.



Salienta-se a relevância de recolocar as mulheres em uma posição igualitária na profissão, de modo que possam assumir o seu lugar merecido, considerando as questões que contribuíram para o ocultamento destas personagens, buscando-se, prioritariamente, a qualidade do trabalho e não na sua dimensão. Essa busca pelo protagonismo feminino ainda terá um longo percurso e se concretiza a partir de uma revolução necessária.

Referências Bibliográficas

BROWN, Denise Scott. **Room at the top?: Sexism and the Star System in Architecture**. In: RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain. Gender Space Architecture: An Interdisciplinary Introduction. New York: Routhledge, 2000. Cap. 20. p. 237-246.

DURAND, J.C.G. **Arte, privilégio e distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FISHER, Silvia, ACAYABA, Marlene. **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo, SP. 1982

LANGE, Alexandra Lange. "**Porque a arquitetura tem que ouvir suas mulheres esquecidas**" [Necessary Hauntings: Why Architecture Must Listen to its Forgotten Women] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>. 18 Ago 2017. ArchDaily Brasil.

LIMA, Ana Gabriela Godinho et al. **Arquitetas e arquitetura a América Latina no século XX**. São Paulo: Altamira Edição, 2014. 116 p.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica**. 2ª edição. Barcelona, Gustavo Gili, 2007.

PAIVA, Ricardo Alexandre; DIOGENES, B. H. ; BEZERRA, L. B. M. D. ; RODRIGUES, A. P. C. **Sobre o Guia da Arquitetura Moderna de Fortaleza (1960-1982)**. In: 3 Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação, 2013, Belo Horizonte.

PAIVA, Ricardo Alexandre ; **A escrita da arquitetura moderna brasileira: um Palimpsesto**. Seminário Latino-americano Arquitetura e Documentação, 2008, Belo Horizonte. Anais. Seminário Latino-Americano Arquitetura & Documentação. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Instituto de, 2008.



PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed, 1988.

RISERIO, Antonio. **Língua, sexo, arquitetura**. Drops, São Paulo, ano 17, n. 112.04, Vitruvius, jan. 2017. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.112/6377>. Acesso em 18.março.2018.

ROCHA, F. C. L. **Os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza: entre descontinuidades e conexões**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

SAMPAIO NETO, Paulo Costa. **Residências em Fortaleza, 1950-1979: contribuições dos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga e Gerhard Bormann**. (Dissertação). Mestrado em arquitetura e urbanismo. FAUUSP, São Paulo, 2005.

SAMPAIO NETO, Paulo Costa. **Ressonâncias e inflexões do modernismo arquitetônico no Ceará: a contribuição de Gerhard Bormann. Paulo Costa Sampaio Neto**. - São Paulo, 2012. Tese (doutorado) – FAUUSP.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

STRATIGAKOS, Despina. **Unforgetting Women Architects: From the Pritzker to Wikipedia: It's time to write women architects back into history**. Disponível em: <https://placesjournal.org/article/unforgetting-women-architects-from-the-pritzker-to-wikipedia/>. Acesso em 17.Jun.2018.